

FEIRAS LIVRES: espaços de circulação e permanência, interligados as dinâmicas do ambiente

Luiz Ricardo Sales¹

RESUMO: As feiras livres caracterizam-se como elementos que desempenham um papel importante, não apenas na estrutura morfológica das cidades, mas também como espaços de interações sociais, econômicas e culturais, além de centro da vida urbana. Neste sentido, o presente artigo busca contribuir para a reflexão sobre a importância e preservação histórica das feiras como patrimônio imaterial. Assim, caracteriza-se pela pesquisa qualitativa, utilizada de modo metodológico e de caráter bibliográfico, com o objetivo de compreender, analisar e descrever o tema. Em síntese, pode-se constatar a necessidade de considerar as interfaces de cunho social, econômico, espacial e histórico, bem como os anseios e prioridades da população, no processo de planejamento urbano das feiras. Desse modo, observa-se a necessidade de redistribuição do espaço para que favoreça à circulação das pessoas, melhore a higiene e a estética do ambiente, garantindo a sobrevivência desses locais. Por fim, compreende-se a importância de estudos e discussões, sob a perspectiva da dinâmica economia local e regional, segurança alimentar para a população urbana, processos e transformações morfológicas e dimensão sócio cultural, a fim de contribuir para o conhecimento e nortear novas pesquisas.

Palavras-chave: Cidades. Espaço urbano. Campo-cidade. Resistência.

FEIRAS LIVRES: spaces of circulation and permanence, connected to the dynamics of the environment

ABSTRACT: Free trade fairs (“feiras livres”) are characterized as elements that play an important role not only in the morphological structure of cities, but also as spaces for social, economic and cultural interactions, besides being the center of urban life. In this sense, this article seeks to contribute to the reflection on the importance and historical preservation of fairs as intangible heritage. Thus, it is characterized by qualitative research, used in a methodological and bibliographic way, with the objective of understanding, analyzing and describing the subject. In summary, one can see the need to consider social, economic, spatial and historical interfaces, as well as the wishes and priorities of the population, in the process of urban planning of fairs. In this way, it is observed the need to redistribute the spaces so that it favors the circulation of people, improves the hygiene and the aesthetics of the environment, guaranteeing the survival of these places. Finally, we understand the importance of studies and discussions, from the perspective of the local and regional economy, food security for the urban population, morphological processes and transformations and the socio-cultural dimension, in order to contribute to knowledge and guide new research.

Keywords: Cities. Urban space. Countryside-city. Resistance.



Introdução

Historicamente, as feiras livres caracterizam-se como elementos significativos na estrutura social e cultural das cidades, representando mais do que espaços de compra e venda de produtos e, sim, ambientes vibrantes de intercâmbio social, cívico e cultural. Em síntese, as feiras proporcionam uma experiência de sociabilidade, no qual a cultura da sociedade evolui diariamente, fortalecendo a identidade local e o senso de lugar.

Nas cidades, as feiras retratam os valores compartilhados entre as pessoas, e sua vitalidade atrai o público. Assim, tal dinamicidade reflete a possibilidade de usufruir a territorialidade popular de modo livre. Diante desses cenários, encontra-se um universo de aromas, sabores, formas e cores, instituídos por feirantes que acordam muito cedo e vivem uma relação de campo-cidade, há várias gerações.

¹ Graduação em Design e Mestre em Engenharia Agrícola, Universidade Federal de Campina Grande. ID Lattes: 4798-1081-4984-9750, ORCID: 0000-0001-8865-2078, E-mail: salespesquisa@gmail.com.

Contudo, as feiras resistem, na contemporaneidade, seja pelo simbolismo, significado, diversidade, atratividade e importância econômica. Desse modo, sua heterogeneidade oferece produtos alimentares a preços acessíveis, tornando-se uma alternativa em meio aos modernos hipermercados, que cada vez mais promovem um sistema individualizado. Nas feiras, observa-se a promoção das trocas comerciais entre indivíduos de distintos lugares, além das memórias afetivas, do popular pastel de carne e caldo de cana, da barbearia, do mel e rapadura, farinha e demais iguarias.

Nesse contexto, estes espaços não só resistem, mas também se adaptam e/ou reinventam, frente às novas realidades econômicas e socioculturais, nas quais sua relevância deriva dos laços e modos históricos entre os indivíduos que valorizam. Desta forma, instituídos como propulsores econômicos locais e regionais, permitem o vínculo entre agricultores rurais e consumidores urbanos, mantendo a agricultura familiar e a sobrevivência de minorias étnicas.

As feiras livres, por sua própria natureza, são apropriações temporais e efêmeras do espaço. Entretanto, percebe-se que as novas políticas de planejamento urbano e especulações imobiliárias, reduzem a vulnerabilidade do deslocamento. Por outro lado, verifica-se o descaso por parte dos governos municipais, principalmente em não fornecerem serviços de infraestrutura e saneamento a estes importantes espaços de identidade.

Diante desse cenário, este estudo caracteriza-se pela natureza bibliográfica, ou seja, interpretativo, fundamentado no levantamento formado por teses, dissertações, livros, papers científicos e revistas eletrônicas. Portanto, destaca-se a pesquisa qualitativa, utilizada de modo metodológico, com o objetivo de compreender, analisar e descrever determinado fenômeno (ULLRICH et al., 2012).

Nessa perspectiva, compreende-se a importância de refletir sobre os processos de transformações no planejamento urbano, bem como a exigência pela incorporação de diferentes escalas de análise. Assim, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre a importância e preservação histórica das feiras livres como patrimônio imaterial, relevantes à vida econômica e social das cidades.

As feiras livres como ambientes de intercambio social, cultural e de resistências

As feiras livres caracterizam-se por serem espaços que ultrapassam as relações de produção e consumo, ou seja, são locais com diferentes modelos de dinâmicas espaciais, compartilhamento de saberes, pontos de encontro e diálogo.

Nesse sentido, destaca-se a representação da imagem semântica e simbólica, portadora de energias, expressões, símbolos, sons, cores, pessoas, animais e objetos. Dessa forma, tais espaços estabelecem conexões interativas entre os sujeitos, possibilitando ao imaginário popular um universo de valores materiais e simbólico-expressivos, constituídos pela produção local e a circulação de mercadorias.

Contudo, observa-se que as feiras livres resistem às transformações socioeconômicas e aos processos de organização morfológica, interferindo, desta forma, nos modos de produção, na cultura e na lógica tradicional. Assim, cabe referir que as feiras livres padecem pela falta de investimentos, informações e conhecimentos técnico-informacional e, consequentemente, têm os seus espaços reduzidos para outros canais de comercialização, entre eles os supermercados.

Mas as feiras, como expressivos elementos na estrutura social do meio urbano, constituem-se como locais de empregabilidade para as pessoas oriundas da zona rural, pela oferta

de produtos econômicos de primeira necessidade, além de promover a ligação direta entre produtor e consumidor final.

Para Ribeiro et al. (2005), a feira é um espaço de comercialização por parte dos produtores rurais, assegurando o abastecimento regular e a produção da agricultura familiar. Em síntese, destaca-se o sentimento de unidade no ambiente, o qual as relações entre os feirantes e consumidores apresentam confiança, tornando o espaço de comercialização singular (GODOY e ANJOS, 2007).

No interior da região Nordeste do Brasil, as feiras livres notabilizaram-se por apresentar espaços de transações comerciais e populacionais, bem como de lazer e cultura. Assim, inseridas no tecido urbano, referem-se ao presente da sociedade, de modo que nas pequenas e médias cidades, tornaram-se núcleos econômicos e culturais, como por exemplo, em Campina Grande, no Estado da Paraíba, Caruaru, Toritama e Santa Cruz, no Estado de Pernambuco.

Vale enfatizar que as feiras livres se destacam pela ampla abrangência comercial, pelas dimensões da área ocupada, amplitude cultural e atratividade das manifestações nordestinas. Neste sentido, os pesquisadores do The Ford Foundation (2004) realizaram uma pesquisa sobre as feiras e mercados públicos em algumas regiões dos Estados Unidos, no qual obtiveram uma definição significativa, apesar de uma realidade distinta da brasileira.

Feiras públicas são localizadas e/ou criadas em espaço público dentro da comunidade. Esse é o aspecto visível das feiras – a criação de um local convidativo, seguro e ativo que atrai todos os tipos de pessoas. Como um lugar efetivo onde as pessoas se misturam, feiras públicas se tornam o coração e a alma da comunidade, ou seja, um local onde as pessoas interagem facilmente e onde inúmeras atividades da comunidade acontecem. (THE FORD FOUNDATION, 2004, p. 7).

Dardel (2011) afirma que o fato da feira livre ser realizada ao ar livre, em espaço público, fortalece a relação homem-terra. Para Da Matta (1997), a feira é um espaço que unifica dois mundos, a casa e a rua, ou seja, caracteriza-se pela fluidez da rua, porém, permanece a familiaridade das relações da casa. Maia (2006, p. 8) relata que:

Para os que vivem nessas cidades, é o dia de abastecer a casa; para os comerciantes, é um dia em que se vende mais e para muitos moradores e trabalhadores do campo é de ir à cidade, seja para vender seus produtos, para comprar os necessários, mas também para ir ao médico, resolver negócios e também colocar a conversa em dia. Dia de feira é dia de mercado, mas também de encontro.

Jesus e Damerçê (2016, p. 27) destacam a presença da reciprocidade no ambiente das feiras livres, resultado de distintas interações estabelecidas durante a comercialização de produtos, no qual satisfaz o consumidor e amplia as relações com o feirante.

No entanto, constata-se que as feiras livres resistem nos municípios, principalmente devido às necessidades de consumo das populações de menor poder aquisitivo. Diante desse quadro, as feiras constituem-se como espaços urbanos de interação social. Carlos (1992, p. 20) afirma que estes ambientes possuem “uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso”.

Em Campina Grande, destaca-se a Feira Central, que tem um papel importante no desenvolvimento da economia local e na dinâmica socioespacial da cidade. Ela possui este nome por estar localizada no centro urbano. Os produtos comercializados nesta feira são provenientes do próprio município e cidades do Sertão Paraibano, tais como: Cajazeiras, Patos e Sousa, além dos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte.



Figura 1 - Barracas comerciais na Feira Central de Campina Grande.
Autor: Sales, 2020.

Nesse contexto, observa-se que a Feira Central constitui um comércio atrelado às relações formais e informais, caracterizadas na apropriação do território urbano. Ressalta-se que neste espaço convergem cidadãos de distintas classes sociais, em meio as barracas de frutas, legumes, doces, roupas, temperos e carnes. Em síntese, trata-se de um ambiente democrático, no qual os frequentadores buscam produtos de melhor qualidade e preços atrativos.

Em 2017, a Feira Central foi reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural imaterial do Brasil. O título de reconhecimento evidência a importância deste espaço de tradição da cultura, sociabilidade, expressividade, identidade e resistência. Ulpiano Meneses, conselheiro do Iphan, e relator do processo de registro, destacou a importância da feira sob a perspectiva do patrimônio. Segundo Meneses:

Mais do que singularidades, é preciso ressaltar a intensidade e a consistência com que a Feira de Campina Grande tem funcionado dentro de padrões comunitários aptos a qualificá-la culturalmente. [...] faz crescer sentidos, significados, valores, capazes de favorecer inteligibilidades, horizontes de reorganização simbólica dos diversos modos de ser humano, combustível para ações de todo tipo, inclusive na resistência a ameaças.

Por estas razões, torna-se notório os aspectos econômicos e culturais, estabelecidos nas horizontalidades e verticalidades na dinâmica territorial. Contudo, observa-se que a Feira Central permanece em meio às inovações contemporâneas e ao cenário de problemáticas internas, dentre elas a carência de infraestrutura, organização, fiscalização e segurança.



Figura 2 - Área coberta na Feira Central de Campina Grande.
Autor: Sales, 2020.

A estrutura morfológica das feiras livres caracteriza-se por complexos sistemas de política e infraestrutura, porém, tornam-se espaços ideais para experimentação, adaptação e transformação. Desse modo, evidencia-se as ações desenvolvidas na feira livre do município de Areia, localizado na microrregião do Brejo Paraibano, através da revitalização do espaço com o projeto “Nossa Feira Popular e Solidária” e o estímulo ao desenvolvimento sustentável.

No processo de reorganização estrutural e formal do espaço, destacam-se a setorização dos produtos comercializados, a padronização das barracas e a coleta seletiva dos resíduos sólidos. Tais medidas foram realizadas no intuito de garantir a conservação e higienização do ambiente de trabalho.



Figura 3 - Feira pública no município de Areia.

Autor: Secretária de Comunicação, 2019.

Fonte: Prefeitura Municipal de Areia. Disponível em <https://areia.pb.gov.br/>.

Ainda sobre este contexto, percebe-se que as feiras livres exercem um papel significativo na economia urbana, principalmente para aqueles que veem nela sua única fonte de renda. Portanto, estes espaços são compostos, em sua maioria, por pequenos produtores rurais, com baixa escolaridade e que sofrem com a escassez da oferta de trabalho formal no próprio município.

De acordo com Garcia-Parpet (2007), as feiras livres fomentam a reestruturação do espaço rural e a inserção econômica de produtores rurais no mercado. Mascarenhas e Dolzani (2008, p. 83) evidenciam que nesse sistema:

[...] a reprodução social da cidade requer lugares para os excluídos da ordem dominante realizarem sua sobrevivência material cotidiana. Requer também espaços de sociabilidade para além do confinamento confortável das modernas opções de consumo. Por isso as feiras resistem na paisagem urbana contemporânea: a grosso modo, pode-se dizer que por um lado há os que precisam sobreviver materialmente, por outro aqueles que, resolvida a questão material, zelum pela sobrevivência sociocultural.

Assim, cabe destacar que cada município possui distintos ciclos de desenvolvimento econômico, aspectos geográficos e políticos. Contudo, as feiras das cidades do interior nordestino se apresentam como espaços de fazeres e dizeres, fundamentados no convívio social dos feirantes e consumidores, além dos costumes adotados ao longo da história.

Godoy (2005, p. 5-6) afirma que as feiras livres representam o “limiar difuso entre o rural e o urbano, fim da fase produtiva e início da fase de consumo”, no qual feirantes e consumidores tornam-se protagonistas das relações socioeconômicas e, conseqüentemente, viabilizam oportunidades para os indivíduos excluídos do sistema econômico moderno.

[...] as feiras ainda subsistem, englobando fatores de complexidade e instigando os pesquisadores a desvendar todo o emaranhado de relações sociais que estas escondem por trás do seu caráter de simplicidade, sendo um território de reprodução das classes mais baixas, marginalizadas e segregadas do ponto de vista econômico. Mesmo com as crises que interferem neste território, os feirantes conseguem se sobressair e manter resguardada a sua cultura. (LIMA, 2014, p. 7).

Nestes espaços são estabelecidas as práticas de territorialidades, caracterizadas nas transformações no interior dos territórios, ou seja, locais de sociabilidade, identidade e vivências. Assim, percebe-se que a territorialidade está relacionada às interações econômicas e culturais, bem como a dimensão política, através das intervenções, usos e organizações do espaço, poder e ordem.

Portanto, observa-se que o território das feiras livres é esquecido pelas políticas públicas, particularmente por não estarem integrados aos novos alinhamentos econômicos e planejamentos urbanos. Por outro lado, as feiras, enquanto espaços de resistências às transformações contemporâneas do sistema capitalista, sobrevivem na vida cotidiana, em meio as trocas de saberes, culturas e histórias.

Desta forma, as feiras desenvolvem-se de modo diversificado, contraditório, amplo, colorido e comunitário. Vale destacar a importância desses locais para o abastecimento e economias locais, bem como no processo de produção da agricultura familiar, nos custos, na renda e na qualidade de vidas dos feirantes e consumidores.

Nesse entendimento, compreende-se que as feiras se dividem em grupos distintos, estabelecidos pelo tradicionalismo cultural, processos e fluxos mercadológicos, reprodução e/ou transformação do capital materializado. Assim, criam-se vínculos de reciprocidade na relação

de abastecimento campo-cidade, perpetuando relações produtivas e comerciais no sistema capitalista.

A Feira no espaço urbano: apropriações temporárias e efêmeras

As ações desenvolvidas nos espaços das feiras, tais como os atos de comprar, negociar, vender e trocar, desenham uma sociedade estratificada no processo de produção do urbano, como afirma Santos (2004, p. 37), “à existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas”.

A feira é um espaço que tem influência na melhoria de vida das pessoas não só pela obtenção de uma renda familiar, mas pela apreensão das ideias e representações associadas à feira como espaço de socialização, carregada de narrativas e símbolos sociais. Ao mesmo tempo, este ambiente fornece informações no que diz respeito às condições de trabalho, origem, organização, consumo e destino dos produtos potenciais de comercialização, nível de satisfação e quais os outros segmentos sociais envolvidos no processo. (ÂNGULO, 2003, p. 97).

Pode-se afirmar que o espaço “divide-se” em dois setores, o primeiro “o capital acumulado pode permitir uma exploração tecnicamente superior”; no segundo, “os meios rudimentares são os únicos a disposição de uma mão-de-obra desprovida de dinheiro” (SANTOS, 2009, p. 126).

Segundo Queiroz e Oliveira (2014, p. 118), os agentes envolvidos nas dinâmicas das feiras livres encontram-se marginalizados em decorrência ao processo de globalização. No entanto, esses indivíduos se reinventam na busca pela sobrevivência, e utilizam da própria globalização para gerar renda. Observa-se que o “lugar é sempre um espaço presente dado como um todo... o que faz com que a vida de relações ganhe impulso na articulação entre o próximo e o distante” (CARLOS, 1992, p. 23).

Bernadinho e Rocha (2015) afirmam que a feira reutiliza e confere distintas funcionalidades aos espaços urbanos, desse modo, proporciona a continuidade das circunstâncias básicas de existências dos feirantes. Assim, as feiras livres, como modelo comercial, distinguem-se dos princípios do urbanismo, pelo fato de serem realizadas nas ruas e calçadas - inibem a promoção e a fluidez dos espaços livres públicos.

Nesse entendimento, as feiras, caracterizadas por suas particularidades de cores, sons, artefatos e cheiros, exibem as maneiras de viver e se relacionar, considerando a circulação de pessoas e mercadorias, as formas de (re)produção das relações sociais, o perfil do consumidor e o entorno paisagístico. Sansot (apud Vedana, 2004, p. 64), afirma que “[...] a vida das ruas é introduzida a partir desta linguagem de enunciação que a caracteriza, na voz dos vendedores que marcam um compasso com a temporalidade no anúncio de suas frutas”, além de outros produtos (roupas, carnes, temperos, flores etc.).



Figura 4 - A Feira II.
 Autor: Tarsila do Amaral, 1925.
 Fonte: Tarsila. Disponível em <http://tarsiladoamaral.com.br/>.

No processo de reestruturação das feiras, desenvolve-se discordâncias entre o poder público e os feirantes, devido as ocupações irregulares nas áreas adjacentes, falta de infraestrutura, saneamento, organização e segurança. Contudo, caracterizam-se como rotineiras na vida social das cidades, potencializando a dinâmica socioespacial e a segmentação territorial.

À primeira vista o espaço da feira parece confuso: os corredores entre as bancas ficam apertadas devido à quantidade de pessoas que circulam no local, e é um ambiente simples, mas ao mesmo tempo complexo, principalmente quando não se conhece a feira. (CRUZ, 2019, p. 36).

Entretanto, verifica-se que uma das principais funções dos espaços urbanos é de prover às necessidades crescentes da sociedade, mas se este não for capaz de satisfazer tal exigência, o cenário torna-se problemático no sistema capitalista, com as ocupações irregulares, a carência de mobilidade e de infraestrutura (SALES, 2020).

Ainda sobre este contexto, Miranda (2008, p. 43) destaca que os espaços adjacentes às feiras têm a possibilidade de se “valorizar ou não, dependendo, principalmente da forma como o comércio formal aproveita-se do grande movimento de compradores e de como respondem em relação à feira”.

Desse modo, verifica-se que as feiras conquistam e alteram o espaço urbano das cidades, particularmente por sua morfologia e localização. Assim, tornam-se áreas para representação dos indivíduos de distintos estratos da sociedade. Por outro lado, as feiras também são relacionadas a espaços que necessitam de reforma e “respeitabilidade”, ou seja, planejamento urbano integrado aos ideais de ordem e equilíbrio.

No espaço urbano, as feiras livres caracterizam-se como símbolos instrumentalizados da vida cotidiana, inseridas na urbanidade, constroem a imagem de autenticidade dos espaços sociais das cidades. Costa (2003, p. 17), afirma que, “a feira se constitui em uma rugosidade na

qual o novo e o velho convivem dando oportunidades aos mais diversos agentes sociais de se reproduzirem, seja nos aspectos econômicos, sociais ou culturais”.

Carlos (2017, p. 68) contribui afirmando que “o espaço enquanto produto social é produto histórico e, ao mesmo tempo, realidade presente e imediata”. Em síntese, o espaço urbano das feiras livres destaca-se pelas imagens simbólicas, estrutura, territórios e tradicionalismo, estabelecido nas interações dos indivíduos e o entorno, atribuindo ao espaço o reconhecimento e a prática, através de atos e gestos.

A feira-livre é o palco do “povo”, cuja simplicidade manifesta em algumas bancas, nas próprias pessoas, nos seus pequenos gestos e largos sorrisos, ela também está presente nos agradecimentos refletidos nos rostos daqueles que fazem, experienciam e vivem a feira-livre. (JESUS e DAMERCÊ, 2016, p. 44).

Quanto a isso, as feiras livres instituem-se como espaços caracterizados pela “dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso” (CARLOS, 1992, p. 20). Nesse contexto, consolidam-se como espaços de inserção comercial para os pequenos feirantes, favorecendo os circuitos locais de produção, distribuição e consumo, ou seja, configuram-se como significativos modelos da agricultura familiar.

Por fim, compreende-se que as feiras livres englobam interfaces de cunho social, econômico e histórico, configuradas nas relações sociais, formações culturais e perfis econômicos. Desse modo, tornam-se expressivos elementos de atratividade e resistência, que perpassam por gerações no processo de comercialização e trocas inter-regionais.

Considerações Finais

Reconhecendo a produção do espaço das feiras no planejamento urbano, verifica-se a relação direta campo-cidade no processo de ocupação ao longo do tempo, transformando-se conforme os interesses, necessidades e princípios individuais e coletivos da sociedade. Assim, cabe destacar, que a expressividade das feiras livres deriva da diversidade de produtos, qualidade da agricultura familiar, preços acessíveis, valores culturais populares e correlações sociais.

Nesse entendimento, a luz do exposto, constata-se a necessidade de considerar as interfaces de cunho social, econômico, espacial e histórico, bem como os anseios e prioridades da população, no processo de planejamento urbano das feiras, valorizando as correlações e potencializando os setores produtivos.

Em relação à estrutura morfológica, observa-se que são espaços de circulação e permanência, interligados as dinâmicas do ambiente, compostos por aspectos materiais e imateriais envolvidos no processo de construção espacial efêmera. Desse modo, vale referir a necessidade de redistribuição do espaço para que se favoreça à circulação das pessoas, melhore a higiene e a estética do ambiente, garantindo a sobrevivência desses locais.

Contudo, destaca-se a necessidade de uma gestão eficaz e de cidadãos engajados ativamente na preservação e promoção das feiras livres e na definição de políticas locais. Portanto, torna-se fundamental o envolvimento da comunidade com os gestores, entidades públicas e organizações sem fins lucrativos, em um esforço mais amplo, no intuito de desenvolver ações efetivas para revitalizar e valorizar estes espaços de identidade do povo.

Por fim, compreende-se a importância de estudos e discussões sob a perspectiva da dinâmica econômica local e regional, segurança alimentar para a população urbana, processos e transformações morfológicas e dimensão sociocultural, com o objetivo de contribuir para o

conhecimento e nortear novas pesquisas, além de servir como importante instrumento de informação para a comunidade em geral.

Referências

ÂNGULO, J. L. G. **Mercado local, produção familiar e desenvolvimento**: estudo de caso da feira de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, MG. Lavras: Organizações Rurais & Agroindustriais, 2003, v. 5.

AZEVEDO, P. F.; FAULIN, E. J. Comercialização na agricultura familiar. In: SOUZA FILHO, H. M.; BATALHA, M. O. **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: Edufscar, 2005.

BERNARDINO, V. M. P.; ROCHA, M. M. **Mobilidade, Comércio e Consumo da feira de Leiria**: conflitos de uma centralidade temporária. Lisboa: Finisterra, 2015, nº 99.

CARLOS, A. F. A. (org.). **Justiça Espacial e o Direito à Cidade**. São Paulo: Contexto, 2017.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 85.

CARLOS, A.F.A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

COSTA, A. A. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional**: a Feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

CRUZ, M. S. **Do Campo para a Cidade**: Estudo sobre feiras livres, abastecimento urbano e comercialização da agricultura familiar no Alto Jequitinhonha. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território), Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros, 2019.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARDEL, E. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

GARCIA-PARPET, M. F. **The Social Construction of a Perfect Market**: The Strawberry Auction at Fontaines-en-Sologne. In MacKenzie, D., Muniesa, F., & Siu, L. (Eds.). *Do Economist make Markets? On the Performativity of Economics*. Princeton: Princeton University Press, 2007.

GODOY, I. W.; ANJOS, F. S. dos. **A importância das feiras livres ecológicas**: um espaço de trocas e saberes da economia local. Dois Vizinhos: Revista Brasileira de Agroecologia, 2007, 2 v.

GODOY, W. I. **As feiras-livres de Pelotas, RS**: Estudo sobre a dimensão sócioeconômica de um sistema local de comercialização. Tese (Doutorado Produção Vegetal), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

JESUS, D. X.; DAMERCÊ, N. O. **Feira e Lugar**: um olhar humanista sobre a feira-livre de Jacobina-BA. Monografia (Geografia), Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2016.

LIMA, J. C. **Do "Mercado Velho" à "Nova Feira":** uma reflexão sobre a Reestruturação da Feira da Prata, Campina grande-PB. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos: Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos, 7, 2014, Vitória. Anais... Vitória: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2014.

MAIA, D. S. **As feiras:** lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas. In: Encontro Paraibano de Geografia, 3, 2006, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. **Feira Livre:** territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Goiânia: Ateliê Geográfico, 2008, p. 72-87, v. 2.

MIRANDA, G. **A cidade e a feira no tempo:** perdas e ganhos no processo de relocação da feira de Caruaru. In: CinCCi, Colóquio Internacional sobre Comércio e Cidade: Uma relação de origem, 2, 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2008.

PAZERA, E. J. **A feira de Itabaiana-PB:** Permanência e Mudança. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

QUEIROZ, G. A.; OLIVEIRA, C. G. S. **Feira livre;** uma proposta metodológica para o Ensino de geografia. Uberlândia: Revista de Ensino de Geografia, 2014, p. 110-123, 5 v, nº 9.

RIBEIRO, E. M., CASTRO, B. S.; SILVESTRE, L. H., CALIXTO, J. S.; ARAÚJO, D. P.; GALIZONI, F. M.; AYRES, E. B. **Programa de apoio às feiras e à Agricultura Familiar no Jequitinhonha mineiro.** Rio de Janeiro: Agriculturas, 2005, v. 2.

SALES, L. R. **Análise dos Espaços Livres Públicos em Campina Grande, PB, Brasil:** Problemas e Potencialidades. Ponta Grossa: Terr@Plural, 2020, p. 1-21, v. 4, nº 2.

SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países sub-desenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2004.

SANTOS, M. **Pobreza urbana.** 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2009a.

THE FORD FOUNDATION. **Public Markets as a Vehicle for Social Integration and Upward Mobility.** Disponível em <http://www.pps.com>. Acesso em: 15 de set. 2020.

THE FORD FOUNDATION. **Public markets as a tool for upward mobility and social integration.** Disponível em: <http://www.pps.com>. Acesso em 15 de set. 2020.

ULLRICH, D. R.; OLIVEIRA, J. S.; BASSO, K.; VISENTINI, M. S. **Reflexões teóricas sobre confiabilidade e validade em pesquisas qualitativas:** em direção à reflexividade analítica. Porto Alegre: Revista de Administração da PUCRS, 2012, p. 19-30, v. 23, nº 1.

VEDANA, V. **"Fazer a feira":** estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

Recebido em 30 set. 2020
Aprovado em 08 out. 2020

